

## “PURA, DURA E SEGURA”: A VIDA DAS PENSIONISTAS NO COLÉGIO SÃO JOSÉ DE PELOTAS

Rita de Cássia Grecco dos Santos<sup>1</sup>

Eduardo Arriada<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente texto refere-se a uma descrição da vida das pensionistas no Colégio São José – uma instituição de ensino quase centenária da cidade de Pelotas/RS – que eram formadas no lema: “pura, dura e segura”. Ao caracterizarmos o funcionamento do internato, as práticas pedagógicas vigentes, o cotidiano escolar, as disciplinas-saber e os manuais escolares utilizados, ensejamos compreender como era exercido o controle e o disciplinamento destas jovens. É importante pontuar que, para além das disciplinas-saber, as pensionistas aprendiam também boas maneiras, obediência, postura, canto e desenho, moldando assim um modo dócil e peculiar de ser mulher. Para realizarmos a referida descrição, afora a pesquisa documental, recorreremos aos trabalhos de Foucault (1984), Forquin (1992) e Bourdieu (1995), entre outros subsídios fundamentais para estudarmos como a cultura escolar, para além das relações de poder, plasmava esse modelo de educação.

**Palavras-chave:** Gênero, Internato, Disciplinamento, Educação Confessional, História da Educação.

### Primeiras considerações

As primeiras décadas do século XX, em Pelotas, podem ser caracterizadas como um momento de expansão e crescimento do ensino particular, uma vez que as

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação na Linha de Pesquisa História da Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE/UFPEL, Pelotas/RS, orientanda do Prof. Dr. Elomar Tambara. Professora do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande/RS. Pesquisadora vinculada ao Centro de Estudos e Investigações em História da Educação – CEIHE/UFPEL e ao Núcleo de Documentação da Cultura Afro-Brasileira – ATABAQUE/FURG. E-mail: [ritagrecco@yahoo.com.br](mailto:ritagrecco@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela PUCRS, Porto Alegre/RS. Professor da Faculdade de Educação da UFPEL, Pelotas/RS. E-mail: [earriada@hotmail.com](mailto:earriada@hotmail.com)

próprias autoridades públicas incentivavam essa política, como podemos verificar pelo discurso do Intendente Municipal José Barboza Gonçalves:

Em vez do ensino oficial, que já fez sua época de estreiteza dogmática, com suas pragmáticas e peãs, com concursos de aparato e a efetividade que, muitas vezes, só permeia um esforço de ocasião ou uma felicidade do acaso, e pode matar, na sua dissecante atmosfera, o gérmen do estímulo, que deve ser, na livre concorrência, guia de ação constante, estabeleça-se a plena liberdade, que leva o espírito desimpedido a agir, autônomo, em busca de maior desenvolvimento para firmeza de uma situação em que a sua utilidade se defina (RELATÓRIO, 1910, p.16).

Do mesmo modo, o estabelecimento do Bispado em Pelotas, em 1911, na figura de Francisco de Campos Barreto, alavancou o papel interventor da Igreja Católica em diversas atividades, entre elas a educacional. “Não se ativou na diocese, somente a edificação de igrejas para a pregação do evangelho, pensou-se também na construção de colégios para o ensino das ciências” (PRIMEIRO LUSTRO, 1917, p.143).

Assim, o estabelecimento de um grande educandário feminino, há muito esperado, logo se torna realidade, pois a Igreja pregava a importância de uma formação católica para as moças, como podemos perceber na manifestação do segundo Bispo de Pelotas, Dom Joaquim Ferreira de Mello:

[...] formar em círculos especiais a mocidade feminina, dando-lhe a inteligência da sua missão educadora na sociedade, e orientando-lhe a vida para as virtudes tradicionais da família brasileira [...] (MELLO, 1935, p.205).

Inicialmente estabelecidas em São Paulo no ano de 1859, a Congregação das Irmãs de São José de Chambery, oriundas de Chambery na Sabóia, logo expandem o ideário doutrinário do ultramontanismo para outras partes do Brasil. Tanto em São Paulo, como em outras regiões, mesmo tendo criado escolas externas e orfanatos, o modelo pedagógico por excelência adotado foi o internato (MANOEL, 1996, p.50).

Nesse movimento expansionista de sua ação educativa e também evangelizadora, por influência do Bispo Dom Antônio Joaquim de Melo, se estabelecem em Curitiba, em 1895, e três anos mais tarde, em 1898, se instalam também em terras gaúchas, a convite de Dom Cláudio José Ponce de Leão, Bispo de Porto Alegre, sendo que somente em 1910, chegam à cidade de Pelotas.

Engendrando uma formação humanística, na qual, entre as disciplinas-saber o francês pontuava, eram doutrinadas na religião católica e estudavam música,

ciências, história e geografia, mas também, economia doméstica, trabalhos manuais e instrução moral e cívica. Para além dessa formação, os atos rotineiros tinham um papel essencial, tais como rezas, festas e comemorações religiosas, que marcavam para sempre a “alma pura das jovens”.

Assim, como observa Forquin, a escola exerce um relevante papel de inculcação de valores e crenças e, no caso específico, de disciplinamento e somatização das relações de dominação (BOURDIEU, 1995):

[...] um local onde circulam fluxos humanos, onde se investem e se gerem riquezas materiais, onde se travam interações sociais e relações de poder; ela é também um local – o local por excelência nas sociedades modernas – de gestão e de transmissão de saberes e de símbolos [...] (1992, p.28).

### O Colégio São José

Por iniciativa do Intendente Municipal, José Barboza Gonçalves, conjuntamente com o Bispo de Porto Alegre, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leon, um grupo de Irmãs da Ordem de São José de Chamberry estabelece um educandário feminino na cidade de Pelotas, no ano de 1910. Cabe à Madre Ephrém Blanc, Visitadora que respondia interinamente pela Província, atender a demanda da Intendência Municipal, designando para cumprir a missão de implementar e organizar tal educandário à Madre Saint Maurice Reichmoz, bem como, às Irmãs Maria Alice Rellier, Jean Marquis Ract, Lídia Nicoline e Albina Derordi.

Como as Irmãs ainda não disponibilizavam de um prédio próprio para o funcionamento da instituição, o Intendente Municipal, José Barboza Gonçalves, cede provisoriamente uma propriedade sua – prédio localizado na Rua XV de Novembro, esquina Rua Gomes Carneiro – no intuito de logo viabilizar o início do funcionamento da escola. Para tanto, também providencia material escolar, particularmente, mesas e cadeiras. Oficialmente, a abertura do novo educandário ocorre em 19 de março de 1910, data extremamente significativa para a referida Ordem, tendo em vista tratar-se do dia de seu onomástico.

No entanto, já no ano de 1916, ou seja, em curto espaço de tempo, as Irmãs tratam de edificar um prédio com finalidade específica de casa educacional, para atender suas meninas, seguindo fielmente os preceitos da pedagogia da época. Cabendo ressaltar que, papel preponderante no desenvolvimento da instituição teve

a Sociedade Literária e Caritativa das Irmãs de São José, que garantiu tal empreendimento.

Tal edificação, que conferiu um prédio próprio ao Colégio, localiza-se até hoje, na Rua Félix da Cunha, nº 400.

Em local bem central o moderno e sólido prédio do acreditado Colégio São José é todo iluminado a luz elétrica, com amplas e confortáveis acomodações, obedecendo todas aos preceitos da mais rigorosa higiene. Em todas as aulas, dormitórios, salões e gabinetes de estudos, etc. Nota-se exemplar organização, rigoroso asseio e muito bom gosto. O curso completo do Colégio São José é de 08 anos sem contar o jardim da infância, e abrange todas as matérias do curso primário e secundário, ensinando-se a língua francesa e toda a espécie de trabalhos de agulha, ginástica de salão e civilidade. Tem também cursos facultativos de inglês, italiano, música e pintura (CARRICONDE, 1922, s/p.).



Prédio construído para o Colégio, fotografia de 1915.  
Fonte: Arquivo particular de Eduardo Arriada.

### Disciplinando condutas

Em relação à educação feminina, desde o final do século XIX, o discurso sobre a necessidade de uma melhor formação para o “sexo frágil” se faz presente. Articulada aos princípios da modernização da sociedade, que em parte jogava algumas mulheres no mercado de trabalho, uma forte preleção se fazia ouvir: a do pensamento positivista, que pregava que às mulheres cabia o relevante papel de dar continuidade as suas “vitais”, “importantes” e “decisivas” atividades domésticas, só que agora, numa extensão do lar, ou seja, desenvolvendo essas aptidões no labor escolar. A elas ficava a responsabilidade e o papel de instruir os jovens da nascente nação brasileira, formando assim futuros cidadãos, afinal, “[...] Elas deveriam ser

diligentes, honestas, ordeiras, asseadas; a elas caberia controlar seus homens e formar os novos trabalhadores e trabalhadoras do país; [...]” (LOURO, 2007, p.447).

Esse lento processo, conhecido como “feminização do magistério”, mesmo com algumas vozes contrárias, acabou marcando acentuadamente as primeiras décadas republicanas no Brasil. Como salienta Almeida:

A feminização do magistério primário no Brasil aconteceu num momento em que o campo educacional se expandia em termos quantitativos. A mão-de-obra feminina na educação principiou a revelar-se necessária, tendo em vista, outras causas, os impedimentos morais dos professores educarem as meninas e a recusa à co-educação dos sexos, liderada pelo catolicismo conservador. [...] (1998, p. 64).

Justificadora de uma aptidão natural para lidar com as crianças, surgia uma possibilidade real de inserção no mercado de trabalho, tanto para as jovens oriundas de uma camada social mais baixa, como para aquelas advindas das famílias mais abastadas. E, dentro deste contexto, é engendrado um discurso que valoriza características atribuídas, inexoravelmente, à mulher, tais como: tolerância, docilidade, paciência, amorosidade, etc. Não apenas os positivistas reforçavam essas características, mas a própria Igreja Católica as ressaltava. Isso em parte resultou numa imagem das professoras como trabalhadoras servis, castas, dedicadas e gentis, tendo como contrapartida baixos salários, carreira desprestigiada e submissão ao domínio masculino<sup>3</sup>.

O internato impunha uma educação altamente disciplinada, cerceadora de qualquer iniciativa que questionasse os princípios organizativos da Congregação. Os altos muros e a vigilância constante não permitiam um espaço de liberdade às alunas, ao contrário, todo movimento era controlado, saídas e entradas não eram permitidas sem autorização.

O Regimento<sup>4</sup> era minucioso em detalhar esse controle, conforme podemos observar no seguinte artigo: “[...] Art. 44. As pensionistas estão constantemente sob a vigilância das professoras, tanto nos recreios e passeios, como nos trabalhos escolares [...]”. Além do mais, estabeleciam com anterioridade certas normas: “[...] Art. 51. Não se aceitam alunas que tenham sido eliminadas de outros colégios [...]”.

<sup>3</sup> Sob esse aspecto consulte-se Bourdieu (2005).

<sup>4</sup> Regimento do Colégio São José, editado em 1929, trata-se de um documento composto de 60 artigos, dos Programas do Curso Complementar e dos Programas do Curso Elementar.

O requinte do disciplinamento atingia até a fiscalização das correspondências e das leituras, podendo certas obras serem parcialmente censuradas, ou até mesmo proibidas. O Art. 54 não deixa margem para dúvidas: “[...] Cartas, pacotes e outros objetos que forem mandados as alunas, deverão passar pelas mãos da Diretora; não é permitido usar livros que não tenham sido apresentados e aprovados [...]”.

De certo modo, isoladas do mundo, muito pouco era permitido às alunas. O contato com a realidade exterior ao internato era permeado por um universo artificial, representado pela língua francesa – língua oficial da Congregação, calcado nos critérios da doutrina católica e inculcado por um método pedagógico alicerçado na *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus. O cotidiano escolar constituía-se numa rotina conhecida de todas: festas e comemorações religiosas, como festividades do Sagrado Coração de Jesus, da Imaculada Conceição, da Primeira Comunhão, etc.

O Regimento de 1929 do Colégio São José, especialmente em seu primeiro artigo, deixava explícita a seguinte finalidade: “[...] proporcionar às suas alunas uma sólida educação física, intelectual, moral e religiosa [...]”. Esses aspectos eram endossados e salientados nos discursos:

Com o novo Colégio que surgia, surgiam também ensinamentos novos e uma disciplina diferente, fatores, aliás, que muito haveriam de contribuir para o progresso e a cultura de nossa cidade. Qual de nós poderá esquecer jamais a figura ímpar de Mére Saint Maurice, percorrendo as aulas e cuidando a saída das alunas? Seus conselhos, suas lições nunca serão esquecidos por nenhuma de nós. O Colégio São José soube sempre inculcar em suas alunas o desejo constante de aperfeiçoamento; a ânsia de saber cada vez mais; o amor a tudo que é belo, puro e elevado (FERREIRA, Oração, 1960, p. 08).

Destarte, “ausentes do mundo”, as alunas facilmente absorviam os ensinamentos e preceitos educativos da Congregação, baseados no projeto de formação de um alicerce religioso, sobre o qual se ergueria uma sociedade de acordo com os critérios e propostas da Igreja, isto é, “[...] uma sociedade católica, ordeira, hierarquizada, moralizada, antimoderna, antiliberal, antifeminista [...]” (MANOEL, 1996, p.52).

No geral, o Colégio São José atendia três modalidades diferentes de matrícula: internato, externato e orfanato, sendo que, posteriormente, também foi criada a modalidade de matrícula para o semi-internato. Em relação aos cursos, estavam divididos em:

- a) um curso de principiantes;
- b) cinco cursos preliminares;
- c) um curso de admissão aos ginásios;
- d) um curso de admissão às escolas complementares;
- e) um curso complementar;
- f) um curso ginásial (Art. 4).

O Art. 5 salientava que os programas são distribuídos de modo a permitir o acesso de um para outro curso, sem prejuízo da matrícula direta (REGIMENTO, 1929).

A organização dos tempos no Colégio dividia-se em dois turnos: um na parte da manhã, outro na parte da tarde. Durante todo o ano letivo, a entrada das alunas era realizada às 08h30min, findando esse primeiro turno às 11h30min. O segundo turno iniciava às 13h30min e finalizava às 16h. Quartas e sábados as aulas só se desenvolviam no primeiro turno, ficando o segundo suprimido (RELATÓRIO, 1944).

Grande parte da organização do Colégio estava voltada para o internato, fato que se evidenciava tanto nos regulamentos, como nos discursos, afinal este se constituía como o espaço onde as estratégias de dominação e execução do projeto educacional mais se efetivavam.

O Colégio é dirigido competentemente pelas carinhosas e dedicadas Irmãs francesas da Congregação de São José, que não poupam esforços em dar, ao elevado número de meninas que freqüentam suas aulas, uma séria instrução religiosa, literária e científica, uma perfeita e sólida educação elevando seu espírito e seu coração, preparando-as assim para todos os deveres que as esperam no mundo, como filhas, esposas ou mães (CARRICONDE, 1922, s/p.).

Formar as jovens na prática das virtudes que convêm a uma boa moça de família; incutir hábitos de disciplina, modéstia e respeito à religião; revestir os seus espíritos com uma instrução apropriada às suas idades e prepará-las adequadamente para as futuras obrigações, esta era verdadeiramente a “missão” das Irmãs.

A finalidade da educação ministrada nesses internatos católicos atingia dois aspectos distintos, mas complementares: a educação e a instrução. Quanto à instrução, cabia propiciar o contato com determinadas áreas do saber, principalmente o estudo das línguas, das ciências, da história e da matemática. Em relação à educação, cabia formar o caráter e as condutas das educandas dentro dos

preceitos e valores do cristianismo. Além do mais, as atitudes e comportamentos adequados aos preceitos da instituição eram seriamente cobrados, como podemos verificar no texto denominado “Boas Maneiras”:

Atitude na rua. Não se fala alto; evitam-se gargalhadas escandalosas, não se corre, não se fazem movimentos bruscos. Quando duas pessoas estão juntas, caminhando a pé, de automóvel, etc., a pessoa mais moça ou de posição menos elevada, dá sempre a direita à mais velha ou à superior. O cumprimento deve ser amável, geralmente acompanhado de um sorriso e de leve inclinação da cabeça, demonstrando a nossa consideração e o nosso prazer. Um aluno nunca deixa de cumprimentar seu mestre (O SÃO JOSÉ, 1960, p.62).

Assim sendo, o objetivo mais amplo do Colégio era formar jovens polidas, meigas, educadas e cultas, mas, acima de tudo, cristãs e crentes que professassem os princípios do catolicismo ultramontano. Para tanto, prática diária na sala de aula e a vivência cotidiana nos outros espaços eram balizadas por um rígido e severo código de condutas de modo a concretizar esses princípios.

O internato cumpria esse desiderato por meio de uma vigilância constante: todos os gestos, todas as atitudes, todos os movimentos eram minuciosamente controlados, de maneira que atitudes, comportamentos, gestos de caráter individual fossem coibidos, cerceados, e todas as alunas, indistintamente, tivessem comportamentos iguais, padronizados, sem marcas pessoais, sem a manifestação de individualidades (FOUCAULT, 1984; CARON, 1996).

Como vimos anteriormente, um conjunto de regras determinava que padrões e comportamentos a aluna deveria adotar: postura, conduta, gestos, fala, vestimenta e formas de cumprimento, tudo era controlado e rigorosamente incutido. As normas deveriam ser obedecidas, jamais questionadas ou rompidas. O depoimento de uma ex-interna<sup>5</sup> reafirma essa postura, já que cotidianamente era explicitado o seguinte princípio: “Pura, dura e segura”, que ilustrava a maneira como deveria ser a conduta das pensionistas.

O uso do uniforme implicava estabelecer uma homogeneidade entre todas, inibir vaidades e ocultar as formas sensuais do corpo feminino. O Art. 59 determinava o seguinte para as internas:

Cada aluna deve trazer o enxoval composto dos seguintes objetos: § 1º. Três uniformes: dois diários e um para os domingos, de sarja azul marino; § 2º. Um

<sup>5</sup> Depoimento de Genoveva Feijó Arriada, realizado em 14 de fevereiro de 2008.

casacão para o inverno; § 3º. Três pares de calçados fortes e pretos (REGIMENTO, 1929).



Grupo de alunas pensionistas, fotografia de 1952.

Da direita para a esquerda ao fundo: Sonia Pereira (em pé), Lara Lopes, Lurdes Oliveira, Genoveva Feijó Arriada, Maria Elva Arriada, Maria Mila Feijó Arriada e Zulma Marcatto.

Na primeira fila: Cleunice (tênis branco).

Fonte: Arquivo particular de Eduardo Arriada.

Nesta foto das pensionistas, observamos um grupo no pátio interno do Colégio (próximo ao antigo galinheiro), desempenhando diversas atividades socialmente valorizadas no universo feminino, uma vez que umas costuram, outras bordam, enquanto a primeira da esquerda, em pé, lê. Todas portam o típico uniforme, saias longas, cores neutras (branco e azul marinho), meias brancas e sapatos pretos, com exceção de Cleunice, que calçava um tênis branco.

As internas, além do uniforme, deveriam trazer um enxoval completo, ou seja, aqueles elementos necessários para permanecer no estabelecimento. Entre outras obrigações, salientamos as mencionadas no Art. 59 § 4º:

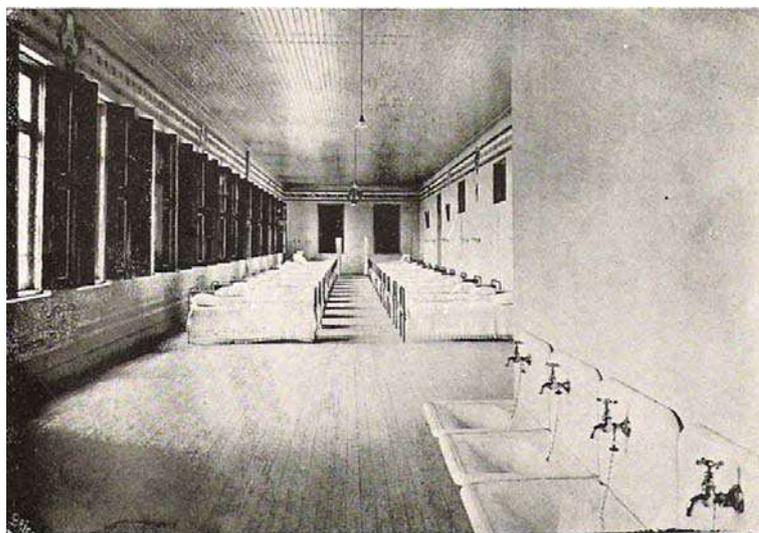
[...] um colchão de 1,80 cm de comprimento e 70 cm de largura, 2 travesseiros com 6 fronhas, 1 acolchoado, 1 cobertor, 2 colchas brancas, 6 lençóis, 12 camisas, 4 camisetas de dormir, 6 toalhas de rosto e 2 de banho, 2 camisas de banho, 4 guardanapos, 2 sacos para roupa servida, uma escova de dentes, pente, 4 saias brancas, 24 lençóis, 1 mosquiteiro; 12 pares de calças, 12 pares de meia, 1 caixa de costura com tesoura, dedal, agulhas, linhas, botões, colher de sopa, de chá, garfo, faca, copo de metal, etc (REGIMENTO, de 1929).

De acordo com o depoimento de Genoveva Feijó Arriada, todas as peças do enxoval deveriam ser marcadas com o nome e o número fornecido às alunas quando de sua admissão, inclusive, a depoente ainda lembrava que seu número era o 48.

Constituído de três andares: porão, primeiro pavimento e segundo pavimento, a ala das internas estava localizada no segundo pavimento, com frente

para a parte interna do prédio, isto é, com as janelas voltadas para o jardim interno. Suas dimensões compreendiam 34 metros de comprimento, com 6,40 de largura. Pelas plantas baixas constantes no arquivo morto da escola, podemos verificar que esse vasto dormitório constava de 40 leitos, existindo na mesma peça diversas pias (lavatórios) e ao lado, próximo à porta de entrada, banheiros.

Os leitos possuem mesas de cabeceiras individuais, adequadas para seus fins e para maior comodidade de cada uma das alunas, em outra sala anexa, ficam colocados armários especiais, numerados, cujas chaves ficam entregues as alunas respectivas. Para suprir necessidades decorrentes de uma casa de ensino que possui alunas internas, o Ginásio São José possui uma enfermaria que dispõe de todo material curativo de urgência, com mesas e aparelhos apropriados. Também funciona um gabinete médico, cuja maior finalidade é justamente a atividade biométrica, orientado pelo Dr. Osvaldo Medrado, médico profissional do estabelecimento (RELATÓRIO, 1944, p.03-04).



*O dormitório do Collegio São José*

Fonte: Álbum de Pelotas, 1922.

Geralmente, as jovens eram agrupadas por faixas etárias no dormitório, as menores, as maiorzinhas e as maiores. Antes de dormir sempre rezavam, momento invariavelmente sucedido pelo silêncio absoluto. Na década de 50, ao redor das camas existia uma cortina, possibilitando certa privacidade. Porém, havia um controle constante. Sabedoras de que nem sempre as regras eram cumpridas, as Irmãs inculcavam, na mente das jovens, que todos os atos ilícitos, os atos impuros, os atos de rebeldia, eram constantemente vigiados pelos olhos de Deus, o pai-todo-poderoso que tudo via, de tudo sabia.

Para além das normas de boa conduta, existia um currículo estruturado para o universo feminino. Em 1917, o Curso Completo tinha a duração de sete anos e o

programa de estudos era o seguinte: doutrina cristã; leitura e caligrafia; línguas portuguesa e francesa (gramática, literatura, arte de redigir e compor, análise, declamação, etc.); aritmética, geometria, álgebra, geografia e cosmografia; história sagrada, pátria e universal; lições de coisas; história natural; noções de física e química; desenho linear e perspectiva; solfejo e canto. Estudava-se ainda toda espécie de trabalhos de agulha, ginástica e civilidade. Como Curso Facultativo ensinava-se: alemão; inglês; italiano; piano; violino; bandolim; pintura a óleo e aquarela; pirogravura, etc. (PRIMEIRO LUSTRO DA DIOCESE DE PELOTAS, 1917, p.295-296).

O Programa de 1929, na essência muito pouco alterou o programa de 1917, e estabelecia as seguintes disciplinas para o Curso Elementar: 1º linguagem oral e escrita; 2º aritmética e geometria; 3º instrução moral e cívica; 4º geografia; 5º ciências físicas e naturais; 6º desenho; 7º educação física; 8º música, canto, teoria e solfejo; 9º trabalhos manuais. Para o Curso Complementar, de três anos, estavam previstas as seguintes disciplinas: 1º português; 2º francês; 3º aritmética álgebra e geometria com desenho linear; 4º geografia geral, corografia do Brasil, cosmografia; 5º desenho figurado; 6º história geral, do Brasil e ensino cívico; 7º ciências (física, química, história natural e higiene); 8º economia doméstica; 9º música e canto coral; 10º trabalhos manuais; 11º educação física; 12º pedagogia e prática profissional (REGIMENTO, 1929).

Os livros mais usados em sala de aula seguiam as orientações gerais da Congregação de São José. Para o ensino do francês, foi usada a “Gramática” de Halbout<sup>6</sup>, além de diversas obras editadas na “Coleção de Livros Didáticos F.T.D.”<sup>7</sup>,

<sup>6</sup> HALBOUT, José Francisco. *Gramática teórica e prática da Língua Francesa*. 20 ed. Paris: Livraria de Garnier Irmãos, 1907.

<sup>7</sup> As obras editadas na Coleção F.T.D., estavam impregnadas de caráter religioso, e por isso mesmo eram aprovadas pela Igreja, como observamos em diversos trechos. A própria abreviatura em latim é reveladora: Deus, Pátria e Família (em tradução para o português).

como: “Le Guide de l’enfance”<sup>8</sup>, “Le Deuxième livre d’André”<sup>9</sup> e “Antologia Francesa”<sup>10</sup>. Deste último livro, destacamos do prólogo o seguinte trecho:

Restringiu-se a escolha aos melhores, aos verdadeiros Mestres. Os trechos apresentados são eminentemente educativos. Na escola destes grandes modelos, a mocidade sente suas faculdades se engrandecerem, seus conceitos tomarem precisão, vivacidade, energia e segurança, seu juízo encaminhar-se para o bem e a verdade, seu espírito nutrir-se de grandes pensamentos e chegar as culminâncias da beleza moral e literária.

Outro autor adotado foi o Cônego José Inácio Roquete. Sua “Seleta”<sup>11</sup> era considerada não apenas um bom manual de estudo, mas também modelo de civilidade e bons costumes, contendo uma seleção de trechos de diversos autores franceses. O Cônego salientava, no prólogo de sua obra:

Os meninos achariam neste livro um alimento mais sã, e não menos agradável, que o que ordinariamente lhes fornecem na freqüente leitura do Telêmaco e das Fábulas de la Fontaine. Os belos trechos de história, os exemplos sublimes de virtude, as anedotas interessantes, as agudezas engraçadas, as réplicas chistosas e a tempo, agradam geralmente aos meninos, e lhes são de mais proveito que todas essas ficções românticas, mais ou menos sensuais, em que reina ordinariamente uma moral relaxada, e por vezes egoísta e pouco cristã.

Os trechos selecionados pelo Cônego José Inácio Roquete tinham como intuito formar crianças leitoras, mas sem macular a sua inocência e pureza. Por isso, eram suprimidas passagens que por ventura abordassem questões vinculadas ao sexo. Embora não negasse a importância de uma obra como “Telêmaco”, a condenava pelas seguintes razões:

O próprio Telêmaco, não obstante ser obra de um virtuoso prelado, tem bastantes páginas cuja leitura é, por desgraça, bem perigosa para a gente moça. Todas aquelas descrições do templo de Vênus, da ilha encantada dos amores e do império de Cupido; todas aquelas pinturas vivas e naturais da formosura das ninfas, de seus cantares, brincos e divertimentos, de suas caçadas e enredos amorosos, exaltam a imaginação, enfraquecem o pejo, desordenam os afetos honestos, apressam e precipitam as inclinações viciosas, e inspiram tédio as coisas sérias e devotas. (ROQUETE, Prólogo, 1916).

<sup>8</sup> DUMONT, Isidoro. **Le Guide de L’enfance**. Premier livre de lecture en français: vocabulaires, lectures, questionnaires pour la conversation, morceaux choises. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1922.

<sup>9</sup> Le Deuxième Livre d’André. Choix de lectures courantes, instructives, morales, éducatrices et récitation. Rio de Janeiro: Livraria Paulo de Azevedo & Cia, 1935.

<sup>10</sup> Anthologia Franceza com numerosas anotações. Prosa e Verso dos autores dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX. Rio de Janeiro: Livraria Paulo de Azevedo & Cia., 1923.

<sup>11</sup> ROQUETE, J.I. Selecta Franceza ou Trechos extrahidos dos melhores autores francezes em Prosa e Verso. Revista e aumentada por Léopold Marcou. Paris; Rio de Janeiro: Aillaud, Alves & Cia; Francisco Alves & Cia., s/d [1916?].

Os manuais de história mais usados nos primeiros anos de funcionamento do Colégio foram: para a História Universal, o livro de Mons. Daniel<sup>12</sup>, Bispo de Coutances e de Avranches e “Curso de História Universal” tradução e adaptação de Joaquim Maria de Lacerda; assim como o “Compêndio de História Universal” de Joaquim Maria de Lacerda<sup>13</sup>. Outro manual bastante utilizado era o do Padre Raphael Galanti.<sup>14</sup>, sendo que o mesmo autor também era a principal referência quanto à História do Brasil<sup>15</sup>.

Para o ensino do inglês, ordinariamente utilizavam-se os manuais editados pela Livraria Paulo de Azevedo, a “Coleção F.T.D.”, iniciando pelo texto “Língua Inglesa: primeiro método”<sup>16</sup>, e logo após passando para a “Primeira Seleta Inglesa”<sup>17</sup>; frisando que: “[...] o aluno que já estudou esse primeiro método de língua inglesa, terá grande facilidade e singular proveito em traduzir esta Primeira Seleta Inglesa” (1926, p.03). As marcas da religiosidade estavam sempre nela presentes: o título do primeiro texto trabalhado na Seleta é elucidativo: “The presence of God”.

Para a língua portuguesa, os mesmos princípios eram adotados, via de regra, dava-se preferência para as obras editadas pela “Coleção F.T.D.”. Os diversos livros dirigiam-se aos cursos preparatório, elementar, médio e superior, onde então, passavam para as Antologias, terceiro e quarto livro<sup>18</sup>.

Em relação ao latim, estudavam-se preferencialmente as obras da “Coleção F.T.D.”, particularmente a Primeira Seleta Latina<sup>19</sup>, que continha trechos de Lhomond, Eutrópio, Fedro, entre outros; contendo ao final um léxico para auxiliar os alunos. Algumas edições mais antigas ainda eram usadas, como por exemplo, as

<sup>12</sup> **Curso de História Universal** por Mons. Daniel traduzido e continuado até nossos dias pelo Dr. Joaquim Maria de Lacerda (Membro da Arcádia Romana). Rio de Janeiro: B.L.Garnier, 1889.

<sup>13</sup> LACERDA, Joaquim Maria de. **Compêndio de História Universal**. Rio de Janeiro: Nova Edição; H. Garnier, 1904. Composto para uso das escolas do Brasil, contemplava também História Sagrada, História do Brasil e Mitologia.

<sup>14</sup> GALANTI, Raphael. **Compêndio de História Universal**. 4 ed. São Paulo: Duprat & Comp., 1907.

<sup>15</sup> GALANTI, Raphael. **Lições de História do Brasil**. 5 ed. São Paulo: Duprat & Comp., 1913.

<sup>16</sup> **Língua Inglesa: primeiro método**. Rio de Janeiro: Livraria Paulo de Azevedo & Cia., 1931.

<sup>17</sup> **Primeira Seleta Inglesa: my reading book – the first**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves; Paulo de Azevedo & Cia., 1926.

<sup>18</sup> **Língua Portuguesa: leituras variadíssimas. Antologia**. 3 livro da Coleção F.T.D. Rio de Janeiro: Livraria Paulo de Azevedo & Cia, 1922.

<sup>19</sup> GALIDIE, Luiz. **Primeira Seleta Latina**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926.

diversas edições<sup>20</sup> da Livraria Guillard, Aillaud & Cia., com notas e comentários de José Inácio Roquete. A partir da década de 40, dois autores passaram a ser adotados com frequência: José Lodeiro<sup>21</sup> e Milton Valente<sup>22</sup>.

Embora a centralidade da educação católica não fosse a profissionalização feminina, mais tarde, com o estabelecimento da Escola Normal (1942), duas obras de caráter pedagógico passaram a ser bastante utilizadas. Uma delas escrita por Teobaldo Miranda Santos<sup>23</sup>, a outra pelas Madres Francisca Peeters e Maria Augusta de Cooman<sup>24</sup>. O livro das irmãs Peeters e Cooman fornecia um panorama geral da Pedagogia e, na parte final, dedicava um capítulo à história da educação brasileira, contendo ainda um apêndice “Esboço histórico da educação da mulher nos tempos modernos”. A obra procurava contemporizar o universo feminino com as mudanças que surgiam no alvorecer do século XX.

Até o surto do movimento feminista que começou em fins do século XIX, [...] a educação das classes abastadas tinha um cunho de formação literária e de distinção notável. Não se preocupavam as moças da procura duma carreira. As ciências físicas e naturais eram ensinadas como complemento da instrução e meio de conhecer de compreender algo do movimento científico crescente; mas a literatura, a história, as disciplinas formadoras da cultura geral dominavam as demais (PEETERS; COOMAN, 1937, p.149).

Por não estarem imbuídas de um espírito profissionalizante, de pouco valiam certos conhecimentos:

[...] a técnica que predomina o caráter educativo nessas mesmas ciências, de nada aproveita ao espírito feminino, mais apto para as ciências de cunho literário e até filosófico do que para os estudos de orientação profissional” (PEETERS; COOMAN, 1937, p. 149).

Percebendo a irredutibilidade das mudanças, as Irmãs de São José procuraram aos poucos adequarem-se aos novos tempos. Para além da

<sup>20</sup> Edições denominadas “Clássicos Latinos”, abrangia textos de Cornélio Nepos, Cícero, Júlio Cesar, Horácio, Tito Lívio, Virgílio, entre outros.

<sup>21</sup> LODEIRO, José. **Traduções dos textos latinos para uso dos ginásios, colégios e seminários**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1942.

<sup>22</sup> Em particular as várias séries do “Ludus”; primus, secundus, tertius, quartus e quintus. A maioria editada pela Livraria Selbach de Porto Alegre.

<sup>23</sup> SANTOS, Teobaldo Miranda. **Noções de História da Educação**. São Paulo: Comp. Editora Nacional, 1945.

<sup>24</sup> PEETERS, Francisca; COOMAN, Maria Augusta de. **Educação: História da Pedagogia**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1937.

profissionalização das jovens, buscaram manter a base construída, ou seja, ornar o espírito dentro de uma sociedade patriarcal.

Neste tempo de especialização deformadora a defesa e a conservação da cultura geral deveria pertencer à mulher instruída, bem como a manutenção do bom tom e da distinção que desaparecem dum modo lamentável da nossa sociedade hodierna. A mulher por essência educadora, deveria ser acima de tudo educada. Certos estudos tendem a diminuir nela a fineza e a delicadeza dos sentimentos. De mais a mais a acumulação das matérias de ensino nem sempre deixa tempo para cultivarem-se os dotes propriamente femininos (PEETERS; COOMAN, 1937, p. 149).

A preocupação básica das Irmãs de São José era formar as jovens dentro de princípios que reforçassem a ordem, as boas maneiras, o respeito e a obediência, desde o ato de levantar até o deitar, traduzido num rol de obrigações, práticas de sociabilidades, rotinas e aprendizagens, visando um fim precípuo: formar moças educadas, cultas, obedientes, crentes em Deus e seguidoras das normas sociais da sociedade vigente.

### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Jane. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. 1 reimp. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, n 20, 1995, p.133-184.

CARRICONDE, Clodomiro. **Álbun de Pelotas**. Centenário da Independência. Pelotas: Livraria Universal Echenique & Cia., 1922.

CARON, Jean-Claude. Os jovens na escola: alunos de colégios e liceus na França e na Europa (fim do séc. XVIII- fim do séc. XIX). In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens: a época contemporânea**. Vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 137-194.

FORQUIN, Jean-Claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria e Educação**. Porto Alegre, n 5, 1992, p. 28-49.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

LOURO, Guacira. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MANOEL, Ivan. **Igreja e Educação Feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo**. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

MELLO, Joaquim Ferreira de. **Primeiro Congresso Católico Diocesano de Pelotas**. Porto Alegre: Tipografia Pão dos Pobres, 1935.

O SÃO JOSÉ. O Colégio São José no seu cinquentenário (1910-1960). Ano X, N 1. Pelotas: Oficinas Gráficas do Instituto de Menores, 1960.

PEETERS, Francisca; COOMAN, Maria Augusta. **Educação**: história da Pedagogia. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1937.

PRIMEIRO LUSTRO DA DIOCESE DE PELOTAS (1911-1916). Pelotas: Livraria Comercial, 1917.

REGIMENTO DO COLÉGIO SÃO JOSÉ DE PELOTAS. Pelotas: Livraria do Globo, 1929.

RELATÓRIO apresentado ao Conselho municipal em 20 de setembro de 1910, pelo Intendente José Barboza Gonçalves. Pelotas: Of. do Diário Popular, 1910.

RELATÓRIO apresentado ao Conselho municipal em 20 de setembro de 1911, pelo Intendente José Barboza Gonçalves. Pelotas: Of. do Diário Popular, 1911.

RELATÓRIO DO GINÁSIO SÃO JOSÉ. Pelotas: Departamento Nacional de Ensino, 1944.